

A POLÍTICA DOS TUMULTOS RECENTES

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 12.04.1983

As passeatas e os tumultos da última semana foram analisados sob os mais diversos aspectos. Houve unanimidade quanto à participação de elementos da extrema esquerda e da extrema direita no processo, os primeiros preocupados em organizar passeatas de protestos, os segundos interessados sem aproveitar a situação para estimular os saques e quebra-quebras e assim desestabilizar o governo paulista. Não há dúvida, também, que marginais de todas as espécies juntaram-se aos desempregados e foram os principais responsáveis pelos atos de violência.

Também há unanimidade quanto ao fato de que os distúrbios têm uma base real o desemprego, e que a responsabilidade do desemprego cabe à política econômica do Governo Federal desde 1974, que levou-nos à crise do balanço de pagamentos e agora não encontra outra forma para solucioná-la senão adotando as recomendações de caráter recessivo do FMI e dos nossos credores.

Mas as unanimidades param aí. A divergência diz respeito à forma pela qual o problema foi tratado: em síntese discute-se se o diálogo ou a política eram o melhor instrumento para resolver o problema. Elementos de esquerda, inclusive o PT em nota oficial, reclamaram por mais diálogo, os conservadores clamaram por maior intervenção policial.

Na verdade o diálogo é possível e houve com os líderes das manifestações políticas o diálogo com os baderneiros que se aproveitaram da situação, entretanto, é impossível. Só a polícia pôde de fato resolver o problema. Foi cautelosa no princípio, aumentou sua ação gradualmente, e acabou agindo com todo o rigor necessário. Talvez pudesse ter sido mais rápida, e desde a terça-feira pela manhã já tivesse podido assumir o perfeito controle da situação. Mas o diálogo e a prudência eram necessários. Quem pregou durante 20 anos democracia não pode nem deve partir para uma ação policial indiscriminada ao primeiro sinal de protesto popular.

Talvez o fato político mais significativo de todo o processo, entretanto, tenha sido a clara tentativa dos setores mais conservadores da sociedade de indispor o Governo Montoro com a alta burguesia e as classes médias e/ou cooptá-los, subordinando-o à política de defesa a qualquer preço da ordem estabelecida. As críticas devido à falta de uma ação repressiva mais enérgica e mais pronta tinham esse sentido. Eram uma clara tentativa de cooptação do governo estadual à tese conservadora de que os princípios de autoridade e de ordem estão acima de qualquer outro valor.

Nada indica, entretanto, que os setores conservadores tenham tido êxito nesse intento. As pesquisas de opinião pública já realizadas demonstram apoio ao Governador. O Governo Montoro pode ter sofrido arranhões e certamente aprendeu muito nesse episódio, mas o importante é que foi capaz de entender a justeza do protesto contra o desemprego e dialogar com os líderes autênticos das manifestações de populares sem, no entanto, prometer-lhes o que era impossível, e, ao mesmo tempo, de utilizar as forças da segurança pública com a energia e prudência necessárias, sem se subordinar ao conservadorismo empedernido dos defensores da ordem.

Para o PMDB, como partido de massas, é essencial que mantenha o apoio e a confiança dos setores progressistas da classe média burguesa e assalariada ao mesmo tempo que se define como um autêntico partido em defesa dos trabalhadores. O PMDB não é o partido liberal-burguês que o PT e o PDT acusam ou que a burguesia gostaria que ele fosse. É um partido democrático de centro-esquerda, que neste período, através do governo de São Paulo, conseguiu ser fiel a si próprio.(12/04)